

Zuzana Růžičková com Wendy Holden

CEM MILAGRES

COMO A MÚSICA ME AJUDOU A SOBREVIVER AO HOLOCAUSTO

Tradução: Claudio Carina

GLOBALIVROS

SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

NOTA DA AUTORA

1. Sibiu, Transilvânia, 1960
2. Pilsen, 1927
3. Praga, 1949
4. Praga, 1938
5. Ostrava, 1954
6. Terezín, 1942
7. Munique, 1956
8. Auschwitz II-Birkenau, 1943
9. Paris, 1965
10. Hamburgo, 1944
11. Jindřichův Hradec, Tchecoslováquia, 1968
12. Bergen-Belsen, 1945
13. Pilsen, 1945
14. Praga, 1989

EPÍLOGO — ZUZANA: DUAS APRECIÇÕES

CADERNO DE FOTOS

AGRADECIMENTOS

BIBLIOGRAFIA

NOTAS

CRÉDITOS

Dedicado por Zuzana a Johann Sebastian Bach, cuja
música nos faz lembrar que ainda existe beleza neste
mundo.

NOTA DA AUTORA

O PROCESSO DE ESCREVER ESTE LIVRO de memórias foi incomum e muitas vezes desafiador. Nos anos desde a Segunda Guerra Mundial, Zuzana quase nunca recusou um pedido de entrevista. Pessoalmente, ao telefone, por vídeo, em documentários, em programas de televisão e rádio, todos em várias línguas diferentes — principalmente tcheco, alemão, francês e inglês. Em setembro de 2017, quando fui convidada para organizar todas essas transcrições e escrever as memórias de Zuzana, viajei a Praga para fazer minhas próprias entrevistas, realizadas na casa dela duas semanas antes de sua morte. Zuzana era pequena, como um passarinho, com olhos cinza-escurecidos e uma expressão franca e afetiva. Quando sorria, os olhos brilhavam com malícia e alegria. Fumante inveterada, acendia um cigarro atrás do outro nas horas que passávamos em seu antiquado apartamento ou em algum restaurante local, onde ela sempre ingeria generosas porções de comida. Embora — aos noventa anos — se sentisse cansada, sempre se mostrou disposta a responder minhas páginas e mais páginas de perguntas, baseadas no material existente e na minha extensa pesquisa. Se não conseguia se lembrar de detalhes precisos, como datas e nomes, ela nos servia uma bebida e me pedia para preencher essas lacunas. Quando encerramos os nossos encontros, ela apertou a minha mão e perguntou se eu tinha tudo que precisava. Disse que por enquanto sim, mas que nos veríamos novamente em alguns meses. Sorriu e me deu um beijo de

despedida. Infelizmente essa foi a última vez que nos vimos. Depois de sua morte inesperada, uma semana mais tarde, todos os envolvidos no projeto queriam saber se eu tinha o suficiente para prosseguir. Meu agente e nossos vários editores internacionais se mostraram compreensivelmente preocupados, e a família e os amigos dela estavam esperançosos de que o projeto prosseguisse. Quando revi todo o material, fiquei muito feliz em dizer a todos que tinha o suficiente. O inglês de Zuzana era quase impecável e sua história, singular, como apresentada neste livro, contada em suas próprias palavras, em transcrições das respostas que deu a mim e aos que vieram antes de mim, abrangendo muitas décadas. Os relatos eram quase sempre idênticos, palavra por palavra, depois de anos contando as mesmas histórias, mais e mais vezes. Às vezes eram conflitantes, como acontece com as lembranças de eventos ocorridos em um passado distante. À medida que ficava mais velha, ia se mostrando um pouco mais esquecida. Em algumas entrevistas, dizia que não conseguia se lembrar de um acontecimento, enquanto em outras era capaz de descrevê-lo com notável clareza. Nos poucos casos em que houve alguma discrepância, recorri às suas entrevistas mais coerentes e confirmei a sequência precisa de fatos usando seu arquivo pessoal de cartas, ensaios e discursos, bem como artigos, o breve diário do tempo que passou em Auschwitz e outros documentos históricos. Também me baseei no testemunho de várias pessoas que compartilharam suas experiências durante e depois da guerra, que conseguiram explicar certos pontos que eu não poderia descrever com precisão.

Foi um trabalho considerável entretecer todo o material reunido, que, em boa parte, precisou ser traduzido do tcheco. Fui muito ajudada pela generosidade dos seus entrevistadores anteriores e pela paciência de historiadores, arquivistas, documentaristas, amigos, familiares, tradutores e músicos do mundo todo. As lembranças deste livro são exatamente como Zuzana se recordava dos

acontecimentos. Até onde consegui, eu as editei de uma forma que espero que ela aprovasse.

Minha impressão mais marcante foi a de que Zuzana estava determinada a prestar seu testemunho da história. Não apenas dos anos da guerra, mas também das décadas posteriores, em geral extremamente desafiadoras. Nunca deixarei de me sentir comovida por sua coragem e resistência em face de tantos sofrimentos, preconceitos e adversidades.

Apesar de tudo por que passou, Zuzana continuou de bem com a vida, e queria que o mundo soubesse que ela tinha sido curada pela música e pelo amor da mãe e do marido. Foi um dos maiores privilégios da minha vida cumprir esse desejo.

Wendy Holden
Londres, 2018

1. SIBIU, TRANSILVÂNIA, 1960

— SEJA BEM-VINDA, CAMARADA! — Como sempre, o diretor cultural me cumprimentou calorosamente na remota cidade de Sibiu, na Transilvânia. — Muito, muito obrigado por voltar. Mal podemos esperar para ouvi-la tocar novamente para nós.

Era o inverno de 1960, e levei boa parte do dia para viajar até lá, saindo de Kiev. Quando finalmente cheguei sozinha, em um voo para Bucareste e, depois, em um antigo trem a vapor que pareceu demorar uma eternidade para atravessar o país, estava cansada e morta de fome.

Minha última turnê de recitais por estaleiros, faculdades e prédios do governo — a décima naquele ano — tinha durado três semanas e havia sido especialmente cansativa no frio da Ucrânia, da União Soviética e da Polônia. Kiev tinha sido difícil em particular, com um estranho diretor que ameaçou não me pagar. Eu estava desesperada para ir para a casa da minha família em Praga depois dessa apresentação, meu penúltimo concerto para as autoridades naquele ano.

Por visitas anteriores à medieval Sibiu, sabia que meus tão esperados alojamento e jantar seriam básicos. Felizmente, tinha um pouco de salame e uma lata de sardinha sobrando em minha mala, bem como um suprimento de cigarros russos.

De todos os outros países do Bloco Oriental nos quais fui obrigada a me apresentar para os socialistas, a Romênia era um dos

mais atingidos pela terrível pobreza e pela sensação de desespero. A população dessa antiga província húngara sofria horrivelmente nas mãos do presidente Gheorghiu-Dej e de seu primeiro-ministro, Nicolae Ceaușescu, e estava ainda mais faminta pelo contato com o mundo exterior do que nós, tchecos. Lembro-me de uma viagem a Timisoara, onde o hotel era tão terrível, com uma banheira tão insanamente suja, que tive medo de que houvesse percevejos. Desfiz a malinha que minha querida mãe tinha arrumado com tanto cuidado para mim e comecei a chorar. Disse para mim mesma: “Se ela visse em que tipo de ambiente eu estou desfazendo essa malinha...”.

Em Sibiu, as condições eram as mesmas, mas o diretor musical — que ficava emocionado com a chegada de qualquer artista do programa cultural do Estado — de alguma forma conseguia sempre levantar o meu moral, muito agradecido por eu ter concordado em incluir sua cidade no meu itinerário.

— Está tudo pronto para você em seus aposentos — me assegurou.

Essas palavras alegraram meu coração na minha primeira visita à cidade alguns anos antes — até ver meu quarto sem aquecimento. Com uma nevasca prevista para aquela fria noite de novembro, provavelmente eu teria de dormir com o meu casaco.

Meu recital de música antiga na noite seguinte seria no saguão de um prédio que funcionava como cinema. Acompanhada por entusiasmados músicos de Sibiu, eu não esperava que fosse o meu desempenho mais memorável, mas sabia que a apreciação seria sincera e genuína.

Contudo, muito antes de me arrumar com o vestido de baile de veludo verde que a costureira de minha mãe fez para mim, desfilei pela cidade como de costume, com membros do Partido Comunista tirando fotos minhas na sede administrativa antes de visitar escolas e locais de trabalho. Os alunos sempre eram mais receptivos,

especialmente se tinham ambições musicais, e pareciam me considerar uma espécie de celebridade.

Naquele dia, em uma das salas de aula, falei para um grupo que tinha a mesma idade que eu quando Hitler finalmente invadiu a Tchecoslováquia — doze anos. Como sempre, falei sobre minha paixão pela música e de minha profunda ligação com Johann Sebastian Bach.

— Bach foi amor à primeira audição, quando eu tinha apenas oito anos de idade — falei.

Em resposta às suas muitas perguntas, não só expliquei por que dediquei minha vida à música, mas por que mudei do piano para o cravo.

— Algumas pessoas pensam no cravo como um instrumento feudal, um artefato de madeira do século XVI que deveria estar num museu, mas, para mim, ele ainda está muito vivo — afirmei. — Bach compôs suas primeiras músicas de teclado no órgão e no cravo e deixou um terço do seu enorme legado para o cravo, muitas vezes especificando em qual instrumento cada peça deveria ser tocada. Para ser autêntica e fiel às intenções de Bach, eu toco cravo.

Alguém levantou a mão.

— Mas o que há de tão especial em Bach? Por que não Beethoven, por exemplo? — perguntou um adolescente curioso.

Abri um sorriso.

— Beethoven brande o punho para os céus.— Gesticulei com a mão fechada. — Na música de Bach há o máximo da alegria de viver e também a mais desesperada tristeza. Sempre somos tocados pelo profundo sentimento de sermos humanos.

Quando voltei ao meu quarto para me preparar para a apresentação da noite, acendi mais um cigarro, e fui surpreendida por uma batida na porta. A concierge do prédio, cujo trabalho era me espionar e relatar qualquer coisa subversiva, disse-me que alguém queria falar comigo ao telefone.

Assustada, corri para o quarto dela e peguei o fone. Quase deixei

o aparelho cair quando ouvi a voz do meu marido. Por que Viktor estava ligando e de onde? Nós nem tínhamos telefone. Pouca gente em Praga tinha. Será que tinha acontecido alguma coisa com a minha mãe?

— Está tudo bem, Zuzana — ele me tranquilizou, sabendo que eu estaria em pânico. — Estou ligando porque eu e sua mãe queremos que você mude seus planos de viagem. A previsão do tempo está muito ruim e não queremos que você volte de avião no meio de uma nevasca. Você não pode vir de trem?

Espiei pela janela e vi os flocos de neve rodopiando loucamente pela luz de um poste da rua. Não parecia pior do que quando cheguei, e já estava prestes a argumentar com ele. Então ouvi minha mãe pedindo a Viktor para me convencer, e sabia das dificuldades que eles deviam ter tido para completar a ligação.

— Tudo bem — respondi, meio relutante, pois a viagem demoraria o dobro do tempo e eu teria de começar uma nova gravação assim que voltasse. — Vou perguntar à organização de concertos o que eles podem fazer.

Com a ajuda do diretor, um funcionário da agência concordou em alterar minha agenda de viagem. Eu tinha mais uma apresentação na cidade de Arad, na fronteira com a Hungria, e esperava poder voltar de lá para casa. As autoridades disseram que eu poderia fazer isso:

— Não é necessário que você vá a Bucareste antes — informou o funcionário. — Você pode pegar o trem da meia-noite até a fronteira da Hungria e depois outro trem para Praga, via Viena e Ostrava. — Ele rabiscou alguma coisa na minha passagem, carimbou e me dispensou.

Mais tarde naquela noite, quando me sentei diante do cravo e fiz uma pausa para meu habitual momento de reflexão, vi na fileira da frente algumas crianças com quem tinha conversado mais cedo, olhando para mim com expressões ansiosas. Quando comecei a tocar o *Concerto italiano*, de Bach, vi que todas ouviam atentamente cada

nota que eu tirava do instrumento, que, felizmente, estava bem afinado.

Logo me perdi na música, entrando naquele estado quase meditativo que sentia assim que meus dedos tocavam nas teclas. Era sempre a mesma coisa quando eu tocava Bach. Há tanta beleza em sua estrutura. Eu tenho uma memória arquitetônica, não visual, e à medida que as melodias começam a se construir eu imagino um edifício. Sei onde estão os agudos e os graves. Os movimentos de modulação de Bach me encaminham como corredores. Sei perfeitamente onde e quando virar a esquina. Sei instintivamente como é construído. Compreendo a arquitetura e para onde está indo — os corredores que levam aos quartos; escadas que levam aos níveis superiores, e finalmente a uma última melodia que completa a estrutura de maneira perfeita.

Muito tempo depois de ter tocado a nota final, sempre demoro algum tempo para voltar a mim mesma — e aos aplausos.

Como de costume, fui presenteada com um buquê e — fora do palco — o diretor me entregou um envelope com meu cachê em leus romenos. Não podia abrir o envelope, pois tinha instruções estritas de entregá-lo para o Estado 24 horas depois de chegar a Praga, junto com meu passaporte e os outros pagamentos pela turnê.

Tenho certeza de que o diretor de Sibiu desconfiava que eu só recebia uma pequena parte dos que controlavam as minhas apresentações. Ele me abraçou calorosamente mais uma vez.

— Nós não podemos pagar muito, camarada Růžičková, mas, por favor, não recuse se pedirmos para você voltar. Significa muito ter alguém como você aqui — falou.

Alguém como você.

Olhando nos olhos dele, refleti sobre aquela escolha de palavras. Duvidava que ele conhecesse minha história. Imaginei que estivesse

se referindo ao seu distrito, tão raramente visitado por um dos poucos músicos da Cortina de Ferro autorizados a gravar álbuns e — ocasionalmente — até a viajar para o Ocidente.

Garanti que voltaria e aceitei sua oferta de me acompanhar à estação mais tarde naquela noite cada vez mais nevada. O centro medieval de Sibiu era extremamente pitoresco, mas na periferia ficava claro que, para a maioria dos cidadãos, o inverno era apenas mais uma dificuldade indesejada. Enquanto caminhávamos até a plataforma, tivemos de passar por pessoas tão pobres que usavam tiras de panos enroladas em volta dos pés em vez de sapatos.

Pontualmente, o trem chegou até alguns minutos antes da meia-noite, envolto em nuvens de vapor. Estava ansiosa para embarcar, mas o condutor-chefe tinha outras ideias. Depois de examinar minha papelada, ele me informou que não era válida:

— Sua reserva é de Bucareste — falou sem hesitar. — Não há lugar para você neste trem.

Eu quase comecei a chorar. Queria chegar logo à cidade onde passei a morar depois da guerra e estava com muita saudade de Viktor e da minha mãe. Tudo que eu queria era voltar para o nosso apartamento de dois quartos onde mamãe ficava com a única cama e eu e meu marido dormíamos em um colchão embaixo do piano.

— Mas preciso voltar para Praga — protestei —, e esse é o único jeito de sair.

O diretor tentou intervir, falando diretamente com o condutor:

— Camarada, esta é Zuzana Růžičková, a virtuosa do cravo. É uma convidada de honra da festa. Você precisa fazer tudo para ajudá-la.

O funcionário não pareceu impressionado. Fiquei pensando se ele tinha se recusado a ingressar no Partido Comunista, como Viktor e eu.

— Você não consegue me arranjar algum lugar nesse trem? — insisti afinal.

— Muito bem — concedeu ele, com um suspiro. — Você pode ocupar um leito vazio no vagão-dormitório tcheco, mas esteja preparada para ser expulsa se alguém embarcar em Ostrava com uma passagem válida.

Agradei e corri para o vagão-dormitório antes que ele mudasse de ideia.

Precisei usar toda minha força para erguer a mala até o beliche superior, carregada de livros, vestidos de baile, minhas partituras e alguns itens alimentícios. Com menos de um metro e meio de altura e pesando menos de cinquenta quilos, nunca tive um porte atlético — para grande decepção do meu pai, que sempre quis uma filha esportista.

Acomodei-me no beliche inferior com um livro do meu escritor favorito, Thomas Mann, e me despedi com um aceno do prestativo diretor na plataforma, envolto em vapor e neve. Enquanto o trem avançava e ele saía da minha visão, lembrei-me da minha última despedida numa estação de trem, do diretor da Filarmônica de Kiev, que tinha sido uma espécie de enigma.

Assim como em Sibiu, cheguei à República Socialista Soviética da Ucrânia atrasada e exausta. Estava ansiosa para chegar ao meu quarto e comer alguma coisa — pois eu vivia com fome —, mas primeiro precisava localizar o diretor, que encontrei em um pequeno escritório aquecido por uma estufa diminuta.

Era como uma cena de um filme. O diretor era um homem que parecia um urso atrás de uma mesa grande com as mangas da camisa branca protegidas pela cobertura de um tecido preto. Sua secretária estava sentada em um canto e o recinto era terrivelmente quente e abafado.

— Olá, diretor. Sou Zuzana Růžičková e é um prazer estar aqui — disse educadamente. Em seguida, apresentei os formulários

necessários para as autoridades calcularem os impostos a serem deduzidos antes de eu receber meu pagamento.

O rosto do diretor ficou vermelho.

— O que é isso? — grunhiu, apontando meus documentos com o dedo.

— Meu contrato de apresentações, camarada — expliquei. — Requer sua assinatura... como de costume.

Sem uma palavra, ele pegou meus papéis e jogou-os para o ar.

— Eu não vou assinar. Eu me recuso a assinar qualquer outra coisa. Estou cansado de toda essa papelada, de ficar nesse escritório sem ar! — berrou, ficando de pé. Andou em direção à porta e se virou: — Eu vou sair. Me deixe em paz! — gritou.

Comecei a protestar, mas olhei para a tímida secretária, que abanou a cabeça e levou um dedo aos lábios. A porta bateu e ouvimos o diretor sair pelo corredor enquanto ela me ajudava a recolher meus papéis.

— Não se preocupe — falou, como se o comportamento dele não fosse nada fora do comum. — Eu cuido disso para você.

— É mesmo? Ah, obrigada.

Organizou a pilha em cima da mesa dela, mas, quando estava prestes a colocar um selo oficial, a porta se abriu e o diretor voltou, com os olhos brilhando.

— O que você está fazendo? Nós não vamos assinar isso! Eu a proíbo. E não me importo se perder meu emprego. Eu estou em greve!

— Mas, diretor — choraminguei —, sem esses documentos eu vou ter problemas terríveis e não vou ser paga.

Ele saiu novamente, irredutível, deixando-me sem palavras. Felizmente, a secretária o ignorou e, em poucos minutos, eu estava saindo do escritório com meu contrato assinado.

Na noite seguinte, quando eu subia a grande escadaria da sala de concertos onde iria tocar, a mesma mulher saiu de um canto para me

dizer que o diretor tinha me convidado para jantar depois do meu recital.

— O quê? Depois do jeito que ele me tratou?

— Ele *precisa* levar você para jantar — ela respondeu. — É o que se espera dele — acrescentou, em voz baixa.

Eu não tive escolha senão concordar.

O concerto correu bem, mas depois, no restaurante do hotel, eu e o diretor ficamos praticamente em silêncio.

— Sei que não me comportei bem, camarada, mas você tem que entender que a vida é muito difícil para mim aqui... porque sou judeu — ele finalmente falou.

Respirei fundo, olhei nos olhos dele.

— Eu também — falei.

Ele franziu os olhos por um momento e examinou minha expressão com desconfiança.

— Prove — disse.

Olhei ao redor do restaurante meio vazio, sem saber o que fazer. A expressão dele não demonstrou nada, então eu arregacei a manga esquerda e mostrei a tatuagem minuciosamente gravada no meu antebraço em Auschwitz por uma prisioneira inexpressiva com um uniforme listrado.

O diretor fez um sinal com a mão, desdenhando.

— Ah, muitas pessoas têm isso! — Antes que eu pudesse protestar, ele se inclinou para frente: — Me mostre o seu passaporte — sussurrou.

Enfiei a mão na bolsa e entreguei-lhe o que queria, mas ele ficou consternado ao descobrir que meus documentos tchecos não davam nenhuma indicação de nada além da minha cidadania. Jogou o passaporte para mim do outro lado da mesa.

— Diga alguma coisa em iídiche — ordenou.

Eu quase dei uma risada. Tinha 33 anos e, embora soubesse um pouco de hebraico, quase não tinha falado iídiche na minha vida. Meus pais eram ricos e não praticantes, e só me levavam à sinagoga

de Pilsen em ocasiões especiais e feriados prolongados. Nós éramos uma família assimilada, que comemorava a Chanucá, mas também o Natal todos os anos, com uma árvore enfeitada. Sabia um pouco de hebraico porque ouvia meu avô cantando em festas familiares, mas meu único contato com quem falava iídiche fora nos campos de concentração e trabalho escravo de Terezín, Auschwitz, Hamburgo e Bergen-Belsen.

Puxando pela memória, fechei os olhos enquanto meu cérebro filtrava palavras de uma época que eu tentava esquecer.

— *Meshuggeneh!* — Surgiu de repente.

— Ah, mas o que isso significa? — perguntou o diretor, testando-me numa língua que ele conhecia bem.

— “Louco”?

— O que mais?

— *Kvetch?* — arrisquei. — Acho que quer dizer “reclamar”.

Ele assentiu.

— Ah, e *mensch*, que significa “bom homem”.

Aparentemente satisfeito, o diretor abriu seu primeiro sorriso, que transformou completamente o seu rosto.

— Bem-vinda a Kiev, camarada — bradou, estendendo uma das mãos. — Mal posso esperar para apresentar você à minha família judia.

Pensei que ele estava brincando, até partir de Kiev para Sibiu na manhã seguinte. Ele estava lá, esperando por mim na estação, com um monte de gente que orgulhosamente apresentou como seus pais, avós, tias, primos e filhos, que se espremeram ao meu redor como se eu fosse uma estrela de cinema.

— Eu trouxe todos eles para dizerem adeus! — gritou sobre as cabeças dos parentes. — Por favor, volte logo.

Voltei a Kiev alguns anos depois, mas o diretor não estava em nenhum lugar em que pudesse ser visto. Só consegui imaginar que tinha sido demitido.

Depois de atravessar a fronteira romena de Arad até a Hungria, meu trem seguiu lentamente para Viena, onde seguimos por um desvio e fomos conectados a uma moderna locomotiva a diesel.

Quando chegamos a Ostrava eu já esperava ser despejada do meu leito solitário, mas, felizmente, ninguém chegou para reivindicar meu beliche. Li um pouco, comi um pouco e fumei um pouco, mas estava dormindo quando, de repente, fui atirada para fora da cama.

A primeira coisa de que me lembro foi ter caído no chão com um baque. Depois minha mala desabou sobre mim do beliche superior. Tentei me levantar, mas percebi que meu vagão estava num ângulo oblíquo e que estava fraca demais para tirar o peso da mala das costas. Não tenho ideia de quanto tempo fiquei presa, mas quando finalmente consegui me soltar comecei a ouvir gritos e o som de metal raspando contra metal.

As horas seguintes foram de um atordoamento doloroso. Alguém me ajudou a sair do trem, e eu teimosamente insisti que minha mala fosse retirada comigo. Quando finalmente saí dos destroços, só conseguia ver uma névoa espessa. Só conseguia sentir cheiro de fogo. Havia escombros por toda parte. Tive que escolher o meu caminho através de vidros quebrados e restos de vagões despedaçados como lenha para lareira. Corpos espalhavam-se pela neve. Perdi a noção do tempo, não tinha ideia se era dia ou noite, mas parecia noite e eu via as chamas lambendo a cena de devastação atrás de mim.

Muitos dos que sobrevivemos fomos levados por guardas da segurança pública para um prédio sem aquecimento em uma aldeia vizinha, que depois soubemos que era Stéblová, no leste da Boêmia. Moradores locais nos trouxeram água, pão e um pouco de licor de cereja para nos aquecer antes de correrem para o local do acidente. Ficamos ali tremendo, em vários estágios de choque e lesões.

A certa altura, um homem veio para cuidar dos feridos e nos contou o que havia acontecido. Um trem a vapor de passageiros colidiu de frente com o nosso, e muitos morreram ou ficaram feridos. Para evitar que a caldeira explodisse, alguém jogou as brasas no

aterro, que acidentalmente incendiaram o diesel derramado do nosso trem. Mais abaixo dos trilhos, disse o homem, pessoas acorriam aos destroços para resgatar os feridos, que estavam sendo levados para hospitais próximos a Hradec Kralove e Pardubice.

Apesar da dor que eu sentia nas costas, recusei tratamento médico e pedi para ser levada de volta a Praga o mais rápido possível. “Eu tenho um compromisso importante”, repetia. “Eu preciso ir para casa.”

Demorou dois dias em circunstâncias periclitantes, mas afinal consegui voltar, via um ônibus para Hradec Kralove, um trem e um bonde. O acidente aconteceu a cerca de 120 quilômetros de Praga, por isso só cheguei nas primeiras horas da manhã. Quando Viktor abriu a porta do nosso apartamento, totalmente vestido apesar da hora, ele parecia estar vendo um fantasma.

— Você está viva! — gritou, abraçando-me. Meu marido, um brilhante compositor, que se casou com uma jovem judia recém-saída dos campos de concentração, apesar de todas as minhas advertências, não acreditava nos próprios olhos. Afastou-se, me examinou mais uma vez. — É um milagre! Você voltou dos mortos, Zuzana... de novo! — exclamou.

Abanei a cabeça, cansada demais e com muito frio para falar.

Subir os seis lances de escada até nosso apartamento consumiu todas as minhas forças, inclusive porque minhas costas doíam demais. Conforme subíamos devagar, Viktor me disse que ele e minha mãe ouviram uma breve notícia no rádio sobre o acidente de trem, mas que as autoridades não divulgaram mais detalhes.

Passou-se muito tempo até ficarmos sabendo que altos funcionários do Partido tinham decidido manter em segredo o pior desastre de trem na história tcheca, para impedir que as notícias fossem “usadas pelos inimigos do socialismo”. A mídia não informou de imediato que 118 pessoas haviam morrido e que mais de cem ficaram feridas. Nem sequer cobriu o julgamento subsequente, em

que o maquinista sobrevivente, o condutor e o chefe do trem foram presos por interpretar mal os sinais no nevoeiro.

Desesperado por notícias na noite após o acidente, Viktor teve que pedir muitos favores para saber mais detalhes. Felizmente, um amigo influente tinha ligações com a estação ferroviária de Praga, ligou para lá e perguntou se os vagões-dormitórios da Romênia estavam envolvidos no acidente. “Sim” foi a resposta. “Os últimos três vagões internacionais de passageiros ficaram totalmente destruídos. Não houve sobreviventes.”

Ele e minha mãe ligaram para os hospitais da região para ver se eu estava entre os feridos, mas não conseguiram encontrar nenhum registro. Ficaram angustiados, pensando que a mudança de planos da minha viagem sem querer havia causado minha morte.

Quando cheguei ao alto da escada, minha mãe, também completamente vestida, me esperava de braços abertos.

— Zuzana — sussurrou, com os olhos arregalados, incapaz de falar mais alguma coisa.

Já era madrugada quando eu e Viktor nos deitamos no nosso colchão embaixo do piano de cauda, mas ainda pedi para ele acertar o despertador. Viktor pareceu chocado:

— Mas por quê?

— Eu tenho que estar logo cedo no Salão Domovina — respondi.
— O prédio foi reservado para a gravação e todos estarão me esperando.

Ele começou a protestar, mas depois olhou nos meus olhos. Desde garotinha, meus olhos não conseguiam mentir. Foi uma característica que herdei do meu pai. Viktor sabia o que eu estava pensando. Eu nem precisava dizer: “O que Bach faria?”. Ele se virou e ligou o alarme.

A única concessão que fiz a suas preocupações foi me levantar mais cedo para ser examinada antes no hospital.

— Posso estar com lombalgia ou ter machucado as costas — disse ao médico que me atendeu. — Caiu uma mala em cima de

mim — acrescentei.

Ele pediu uma radiografia e prometeu entrar em contato comigo mais tarde com os resultados.

Não consigo lembrar qual peça musical gravei naquele dia para a Supraphon, o selo da gravadora tcheca que se tornou minha grande divulgadora. Depois achei que poderia ter sido algo de Domenico Scarlatti, um contemporâneo italiano de Bach e prolífico compositor para cravo.

Mas os encartes da época me dizem que foram as *Variações Goldberg*, uma das peças mais difíceis de Bach e um trabalho que eu aspirava gravar desde que era menina. Supostamente encomendadas por um conde russo que tinha insônia e queria que seu cravista, Johann Gottlieb Goldberg, tocasse essas peças à noite para entretê-lo, as variações são matematicamente perfeitas, com um deslumbrante número de padrões numerológicos que Bach definiu como “preparados para o deleite da alma de amantes da música”.

Não me lembro de sentir muita alegria naquele dia. Só sei que cumpri todas as minhas obrigações, aguentando a dor de passar quatro ou cinco horas no teclado. Como sempre, meus diligentes colegas músicos e a equipe de gravação me ajudaram. Quando o produtor decidiu que tinha material suficiente e perguntou se eu queria ficar para ouvir o que eles tinham gravado até o momento, balancei a cabeça. Eu me sentia um pouco febril.

— Obrigada, mas estou cansada depois de todas as minhas viagens, e acho que posso estar pegando um resfriado. Agora eu gostaria de ir para casa — disse a ele.

Devo ter entregado minhas moedas estrangeiras e meu passaporte às autoridades, conforme exigido. Depois devo ter tomado o bonde para o nosso apartamento perto do Hotel Flora, de quatro andares, do século XIX, no bairro de Vinohrady, onde eu e Viktor costumávamos almoçar (até ser demolido para dar lugar a um

shopping e à estação de metrô). Mas não me lembro de fazer nada antes de virar a esquina da nossa rua e ver uma ambulância perto do nosso quarteirão, com as portas traseiras abertas. Acelerei meus passos o máximo que consegui, cheguei à porta da frente e dei de cara com o médico que tinha me examinado horas antes.

— Onde esteve, senhora Růžičková? — ele perguntou em voz alta, claramente agitado. — Nós ficamos esperando por você.

— Por quê? Qual é o problema? — perguntei, temendo que houvesse algum problema com minha mãe.

— São os resultados dos raios X — explicou o médico. — Você precisa ser hospitalizada imediatamente.

— O quê? Por quê? — perguntei, confusa.

— Minha querida camarada, você fraturou uma vértebra cervical. — Continuou me dizendo que eu tive sorte de não ter perdido meus movimentos. Sob instruções estritas de não me mexer, passei as três semanas seguintes deitada de costas no hospital, e várias semanas depois imobilizada em uma órtese de coluna. A gravadora me enviou um buquê de flores com uma nota dizendo que o álbum tinha ficado muito bom, apesar da minha dor.

Minha sorte foi a lesão não ter afetado a minha execução e — assim como lutei para recuperar a saúde em 1945 —, eu fiz a mesma coisa mais uma vez. Ferida, mas não abatida, eu mal podia esperar para voltar para casa, para Viktor e minha mãe, grata mais uma vez por outro milagre que me permitiu passar o Natal com as duas pessoas que significavam mais para mim do que a própria vida.

2. PILSEN, 1927

“PRECISA-SE DE BABÁ PARA CRIANÇA do sexo feminino, seis meses de idade. Deve saber cantar.” O anúncio que minha mãe publicou no jornal de Pilsen, em 1927, deve ter intrigado muita gente. Muitas das que se inscreveram disseram que a exigência de cantar era desnecessária para uma criança tão pequena, mas minha mãe insistiu: “A babá anterior sempre cantava e ela adorava”.

Para provar que eu tinha um ouvido musical incomumente desenvolvido, ela me segurava no colo durante cada entrevista e pedia a cada babá em potencial para cantar para mim. Quando elas desafinavam, eu chorava tão alto que, por um processo de eliminação, minha mãe encontrou a babá perfeita. Mamãe disse que minha reação a quem cantava mal foi a primeira indicação que ela teve de que um dia eu poderia me tornar uma musicista.

Não há dúvida que meus pais foram muito indulgentes comigo. Eu era filha única e não conhecia a pobreza. Quando alguém me pergunta o que teria acontecido comigo se eu não tivesse ido para os campos de concentração, digo que provavelmente teria sido uma criança insuportavelmente mimada. Minha mãe, Leopoldina, conhecida como “Poldi”, tinha trinta anos quando eu nasci, e meu pai, Jaroslav Růžička, 34. Um *shadchen*, ou casamenteiro, arranhou o casamento, como era tradição, mas isso não significava que eles fossem infelizes. Longe disso. Os dois eram dedicados um ao outro e tiveram um dos mais belos casamentos que já conheci.

Minha mãe queria estudar Medicina, mas acabou administrando uma loja de porcelana na cidade de Dobris, no leste da Boêmia, e depois trabalhou na contabilidade de uma empresa que fabricava tintas e vernizes, antes de assumir o cargo de secretária-administrativa na fábrica de veículos para exportação Auto-Štádlér de Pilsen. Culta e elegante, estudou em um internato, onde aprendeu alemão, e depois passou bastante tempo em Viena com a irmã, Elsa, indo a teatros, shows e museus. Minha mãe era incrivelmente bonita, mas se considerava feia, apesar de ter vários homens apaixonados por ela, inclusive um que era casado. Quando era mais jovem ela se apaixonou pelo irmão de um de seus cunhados, um homem mais velho e coxo. Ele também a adorava, mas foi rejeitado como inadequado pelos pais dela, que contrataram o casamenteiro.

Meu pai foi primeiro-tenente do 35º Regimento de Infantaria de Pilsen na Primeira Guerra Mundial e foi baleado no pulmão, tinha uma postura quase prussiana e não era um judeu praticante. Ele nunca falou sobre a guerra, mas o ferimento o afetou pelo resto de sua vida, particularmente em suas atividades esportivas. Estudou em uma academia de comércio antes de ir trabalhar na loja de brinquedos do pai, a Hračky Růžička (*hračky* significa “brinquedos”), na rua Solní nº 2, em Pilsen. Quando ele e minha mãe foram formalmente apresentados, ele acabara de voltar de uma viagem de quatro anos a Chicago, nos Estados Unidos, onde foi aprendiz na loja de departamentos Leader, nas ruas Paulina e Dezoito, de copropriedade de parentes de sobrenome Ginsburg. Minha tia-avó Malvina tinha emigrado para os Estados Unidos em 1912 e se casado com um dos filhos dos Ginsburg. Eles se estabeleceram num bairro habitado principalmente por tchecos em Chicago, que chamaram de Pilsen em homenagem a nossa cidade. Zdeněk Ginsburg e seus três irmãos mais novos logo se estabeleceram no comércio de secos e molhados com outros parentes, membros da família Oplatka. Vendendo de tudo, de uniformes escolares a edredons com

enchimento de plumas e, especificamente, tendo como alvo os imigrantes tchecos, a loja continuou atendendo seus fiéis clientes até os anos 1970.

Mas eles também tinham outros talentos. Um dos filhos de Ginsburg, Roderick, fundou a Sociedade Tchecoslovaca de Artes e Ciências e ficou famoso por traduzir obras tchecas, inclusive o poema “Máj” [Maio], de Karel Hynek Mácha, as “Tyrolské elegie” [Elegias tirolesas], de Karel Havlíček e a poesia de Ján Kollár. Outro filho se casou com uma moça de uma família politicamente importante. Todos eram tão amigáveis e acolhedores com o primo tcheco que meu pai usufruiu bem de seu tempo em Chicago, apesar de ter começado trabalhando no depósito para aprender como uma loja de departamentos era administrada.

Meu pai adorou o tempo que passou nos Estados Unidos. Provavelmente teria ficado por lá, mas seu pai, Heinrich, conhecido como Jindřich, ficou doente e escreveu para o filho mais velho e herdeiro pedindo que voltasse para administrar a loja de Pilsen com o irmão mais novo, Karel. Relutante, voltou depois de quatro anos, fluente em inglês e bem versado nos princípios do comércio americano. Então foi escolhido para ser marido da minha mãe, com quem se casou em 1923. O presente de casamento da minha avó materna foi uma cozinheira chamada Emily, que cuidava de todos nós. Quatro anos depois, eu nasci, em 14 de janeiro de 1927, minha avó treinou uma empregada para minha mãe, e mais tarde eu tive uma governanta. Recebi o nome de Zuzana Eva Miriam. Zuzana é a versão tcheca de Susanna, que significa “lírio” em hebraico, e meus pais a tiraram de um filme a que assistiram juntos quando minha mãe estava grávida. Eva era o nome de uma prima muito querida, e Miriam era meu nome judaico. Mas Zuzana não era um nome muito comum, e isso criou certo escândalo na família da minha mãe. Minha avó ficou chocada, e escreveu para minha mãe dizendo: “Zuzi é nome que a gente dá a uma cadela!”.

Embora meu pai fosse profundamente patriota, acho que talvez nunca tivesse voltado dos Estados Unidos não fosse por um sentido de dever familiar. Com o tempo, porém, ele acabou assumindo o comando da loja de brinquedos com o irmão mais novo, Karel, de quem era muito próximo. Karel tinha desertado do exército austro-húngaro durante a Primeira Guerra para entrar para a Legião Estrangeira na Itália. Os dois irmãos herdaram o talento do pai na arte de vender, ainda que não tivessem seu estilo sofisticado. Meu avô paterno tinha cabelos brancos até os ombros, usava uma capa e ficou famoso por ornamentar as vitrines com temas para ocasiões diferentes. Em um dos anos, o tema para o feriado de São Nicolau foi o Inferno, com fogo e demônios. Em outra ocasião, ele encheu as vitrines com miniaturas de estradas de ferro. Qualquer tema que escolhesse, sempre atraía muitas crianças. Até hoje encontro pessoas que dizem que ficavam com o nariz grudado na vitrine da loja de brinquedos Růžička.

O estabelecimento vendia todos os tipos de brinquedos, incluindo patins, fantoches, bolas, piões e patinetes. Quando meu pai assumiu, baseou-se em sua experiência em Chicago e abriu uma nova seção de promoções com entrada própria, que vendia luvas, guarda-chuvas, sapatos, lingerie, roupas de cama, joias e iluminação, para que os clientes pudessem comprar tudo de que precisavam em um lugar só. Eu tenho uma fotografia antiga que mostra as vitrines abarrotadas do chão ao teto com todo tipo de mercadorias.

Meu pai também elaborava slogans publicitários em estilo americano, como “Não se esqueça de Růžička!”, que ele publicou nos jornais locais e inscreveu em enormes cartazes espalhados pela cidade. Os negócios logo prosperaram e os revendedores procuravam meu pai, ansiosos para vender seus produtos. Desde de que me entendo por gente, lembro que vivia numa espécie de creche cheia de brinquedos. Nunca gostei de bonecas, mas adorava qualquer coisa brilhante, especialmente cristais lapidados.

Mamãe ajudava na loja e cuidava das contas. Com a aprovação dos maridos e do meu avô, ela e Kamila, esposa de Karel, fizeram uma coisa rara para as mulheres da época e abriram uma loja própria chamada Filiálka (que significa “filial”) em Klatovská Třída, em um outro bairro. Elas gerenciavam a loja de forma independente e tiveram sucesso. As mulheres tentavam superar os seus maridos em uma competição saudável, e meu pai era solidário e gentil.

Nós éramos muito felizes, nós três, e éramos muito carinhosos uns com os outros, bem antes de isso se tornar moda. Minha mãe, em especial, vivia nos abraçando, apesar de estar sempre preocupada e parecer um pouco triste. Meus pais sempre trabalhavam até tarde da noite, mas quando voltavam para casa eu era o único foco de suas atenções. Viviam me perguntando sobre o meu dia e me mimando. Com governantas alemãs e inglesas, eu cresci rodeada por três idiomas — tcheco, alemão e inglês — e nós passávamos de um para outro sem esforço. Porém, talvez por meus pais passarem o dia inteiro no trabalho, eu me tornei uma criança neurótica, e desenvolvi uma terrível ansiedade de que algo poderia acontecer com eles. Minha mãe, por sua vez, era superprotetora e queria outro filho para me fazer companhia, mas meu pai era extremamente pessimista em relação às condições do mundo nos anos 1930 e disse que não queria trazer outra criança a esse lugar.

A decisão dele salvou nossas vidas, pois com um irmão mais novo talvez nós tivéssemos ido direto para as câmaras de gás, como aconteceu com alguns dos meus parentes próximos.

Eu não sentia falta de ter um irmão ou irmã, pois tinha minha prima Dášenska, conhecida como Dagmar. Nós éramos inseparáveis. Apenas um mês mais nova que eu, era a filha mais velha do meu tio Karel e da tia Kamila. Dagmar e eu nos vestíamos da mesma forma, frequentávamos a mesma escola primária e éramos conhecidas como Zuzi e Dagmar — “as garotas Růžička” — por todos os nossos

professores. Também passávamos as férias juntas, no inverno esquiando com nossos pais, ou fazendo caminhadas nas montanhas Krkonoše no verão.

Dagmar morava com os pais e o irmão mais novo, Miloš, conhecido como Milošek, em um apartamento no segundo andar ao lado do nosso, na Plachého n° 4, no centro de Pilsen. Da janela do meu quarto eu podia ver o quarto de Dagmar do outro lado de um pátio. Todas as manhãs nós abríamos a janela e chamávamos uma à outra:

— Bom dia, prima! Você está vindo?

Da minha outra janela eu podia ver a loja da mamãe, de onde ela acenava para mim da porta, quando fechava às seis horas da tarde. Nós então caminhávamos juntas pelos jardins ao redor da sinagoga para pegar meu pai na loja. Ele costumava nos encontrar no meio do caminho em sua bicicleta e eu ficava muito feliz por sermos uma família de novo. Eu recebia minhas cinco coroas e nós íamos juntos comprar minha revista favorita, *Malý hlasatel* [Pequeno locutor], e algumas flores para minha mãe.

Eu era uma criança curiosa, fascinada por tudo, principalmente por aeronaves, e aos seis anos eu dizia que queria ser piloto quando crescesse. Depois me apaixonei por livros e declarei minha intenção de me tornar uma escritora. Dagmar era obcecada pela natureza e por animais, e desde cedo decidiu que seria veterinária. Tinha uma gatinha chamada Evinka e eu tinha peixes tropicais em um aquário no meu quarto, entre eles um com uma cauda em forma de leque que eu chamei de *Leque de lady Windermere* em referência a uma peça de Oscar Wilde de que gostei. Também tive um canário de estimação chamado Jerry, em homenagem a meu pai, Jaroslav, mas com certeza Dagmar se interessava muito mais por ele do que eu.

Meu pai (que chamávamos de Tata) incentivou o nosso inglês desde cedo, lendo histórias infantis como *Peter Pan*, *O ursinho Pooh* e *Alice no País das Maravilhas*. Dagmar gostava especialmente de *O ursinho Pooh* e sonhava em ter um burrinho chamado Ió. Ela era

mais lenta no aprendizado de idiomas que eu, então o querido Tata perdeu a paciência e ela acabou abandonando as aulas. Depois disso, meu pai passou a me ensinar inglês de forma particular e maravilhosa. Ele me fazia escrever todas as palavras novas do capítulo que estávamos lendo e dizer seus significados quando ele voltasse para casa. Se eu não me saísse bem, nós não continuaríamos a leitura, por isso o incentivo era enorme.

Mamãe era tremendamente elegante, e isso me marcou muito. Eu adorava o jeito como estava sempre muito bem-vestida. Tinha roupas lindas, feitas sob medida para nós por uma costureira local, e era comum Dagmar e eu nos vestirmos com roupas iguais, apesar de minha mãe também mandar fazer vestidos combinando para mim e para ela. Nós adorávamos nos vestir em trajes típicos. Uma vez eu me vesti como a Cio-Cio-San, de *Madame Butterfly*, com o roupão da minha mãe, com turbante e crisântemos. Outra vez eu fui Mata Hari e, em uma peça da escola, fiz papel de um simples carteiro uniformizado.

Meu pai era um fotógrafo amador talentoso, com sua própria câmara escura instalada em uma saleta no nosso apartamento. Tirou dezenas de fotos de todos nós que felizmente foram salvas por amigos durante a guerra e que guardo até hoje. Em uma das minhas favoritas, Dagmar e eu estamos posando como flores silvestres para a nossa produção escolar de *A Mãe Terra*, em que eu era um miosótis e ela uma margarida. Ah, como nós adorávamos nos fantasiar!

Quando eu era pequena, nossa casa vivia cheia de música. Emily, a cozinheira, cantava velhas canções folclóricas sobre lobos e bebês, e meu pai era um bom barítono e tocava violino. Nós não tínhamos um piano, mas minha mãe tocava em pianos de outras pessoas sempre que podia, e eu adorava ver as mãos dela voando pelas teclas. Nós cantávamos juntos, em família, desde manhã, quando meu pai se barbeava, até à noite, quando cantávamos músicas para dormir. Tudo o que ouvia eu memorizava, e depois cantava. Meu pai tinha um ouvido fantástico, e sempre sabia quando eu desafinava.

Tata me ensinou canções em todas as línguas, especialmente em tcheco, inglês, e até russo. Lembro-me de ter aprendido “London’s Burning”, “My Bonnie Lies Over the Ocean” e um poema engraçado chamado “My Mother is Full of Kisses”. Com os versos: “*A kiss when I wake up in the morning,/ a kiss when I go to bed,/ a kiss when I burn my fingers,/ and a kiss when I bump my head*”.^[1]

Minha favorita, no entanto, era uma velha música americana chamada “Silver Threads”, que tinha uma letra assim: “*Darling, I am growing old,/ silver threads among the gold.../ Life is fading fast away./ But, my darling, you will be, always young and fair to me*”.^[2]

Se eu a ouvisse agora, acho que choraria.

Quando meu pai comprou um rádio, foi um grande acontecimento na nossa casa. Infelizmente, eu tinha medo do aparelho, e saía correndo sempre que era ligado. Reclamava que era muito alto, até me recusava a entrar na sala onde o rádio estava.

Mamãe me levou para ver um pediatra que, considerou minha audição perfeitamente normal:

— Sua casa é silenciosa demais. Talvez você e seu marido devam brigar um pouco mais.

Para me ajudar a superar o medo do rádio, Tata inventou uma história com dois personagens chamados Antena e Ampliom, que viviam aventuras emocionantes dentro de uma caixa de mogno envernizado. Inventou também outra história engraçada sobre um rouxinol que tentou ensinar uma vaca e um ganso a cantar. Meu pai era muito culto e não se sentia muito feliz trabalhando no comércio. Acho que preferiria ter investido mais na própria educação e se dedicado a tocar violino. Era um homem naturalmente introvertido, tinha estudado filosofia e era consciente em termos políticos. No entanto, como filho mais velho de um comerciante, não pôde viver a vida de um pensador, por isso não teve escolha a não ser administrar a loja e fazer tudo o que podia para torná-la um sucesso.

Secretamente, planejava ganhar dinheiro suficiente para vender ou deixar a loja para o irmão, se aposentar aos cinquenta anos e construir a casa dos seus sonhos: uma mansão com quadra de tênis. Nós tínhamos tudo planejado, falávamos muito sobre isso e de quanto seria o meu dote.

Toda noite ele lia para minha mãe e para mim. Podiam ser artigos de jornais ingleses ou americanos que os parentes mandavam. É claro que eram sempre muito atrasados, mas ainda assim muito esperados. Eu sempre mergulhava nos quadrinhos, enquanto ele lia as notícias.

Ele também gostava de ler as histórias fantásticas de Rudyard Kipling para nós, ou trechos do assustador *Guerra dos mundos*, de H. G. Wells. Eu tinha acesso a todos os tipos de livros que tirava das prateleiras de sua grande biblioteca. Gostei particularmente quando ele leu Homero para mim, a *Odisseia* e a *Ilíada*, dois livros que me influenciaram muito — principalmente pelo ritmo deles. Acho que meu senso de ritmo e de métrica em música veio daquele comerciante judeu lendo essas histórias clássicas para mim quando eu era criança.

Os pais dele não combinavam muito emocionalmente, embora o casamento fosse surpreendentemente harmonioso. O pai, Jindřich, era um patriota tcheco convicto nascido em Pilsen, mas que tinha morado muitos anos em Viena, onde estabeleceu uma sede do Sokol, um movimento de ginástica baseado no princípio de “mente forte em um corpo sadio”. A palavra *sokol* significa “falcão”, e eles usavam uns uniformes maravilhosos e portavam bandeiras coloridas para inspirar o patriotismo tcheco. No início dos anos 1900, ele foi expulso de Viena por sua associação com a organização, que desempenhou um papel importante no desenvolvimento do nacionalismo tcheco no período entreguerras. Isso levaria, mais tarde, a uma brutal repressão pelos nazistas e resultaria em mais um motivo para nos perseguir.

Desde o exílio de meu avô, havia um forte sentimento daquele lado da família contra Viena e um ódio arraigado ao Império Austro-Húngaro. Eles também se opuseram veementemente à ascensão do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, ou Partido Nazista, que começou em 1920 com o slogan “Um povo, uma nação, um líder” e defendia posições antissemitas cruéis.

Ao voltar a Pilsen depois das suas experiências traumáticas em Viena, meu avô casou-se com minha avó Paula, vinda de uma abastada família de mercadores de Praga, e os dois tiveram cinco filhos em uma rápida sucessão — com cada um deles recebendo nomes tchecos patrióticos. Vlasta, depois meu pai, Jaroslav, seguidos pelas irmãs Jiřina e Zdena, e finalmente seu irmão Karel. Nenhuma das irmãs se casou com judeus, o que lhes deu um status diferente e mais tarde influenciou a velocidade com que foram mandadas para os campos na Segunda Guerra Mundial.

Quando se mudou de Viena para a Tchecoslováquia, meu avô montou um negócio de importação e exportação de ferro, antes de começar a vender brinquedos na loja cujas vitrines adorava decorar como os grandes magazines vienenses. Nunca perdeu sua paixão pela saúde e forma física e — como grande amante da natureza — passava todo o seu tempo livre no museu de história natural ou na floresta observando pássaros, identificando flores silvestres ou caçando borboletas. Ia de bicicleta comigo e com Dagmar até uma aldeia chamada Švihov, onde gostava de levar uma vida simples durante o verão. Nós visitávamos o belo castelo gótico com fosso do lugarejo e caminhávamos todos os dias pela floresta para aprender sobre as plantas e os animais. Foi ele quem despertou em Dagmar a ideia de ser veterinária.

Em comparação, minha avó Paula era uma animada socialite da cidade, que adorava viajar e gostava de música e cultura. O relacionamento deles era amistoso porque resolviam as muitas diferenças da forma razoável. Apesar de ter cinco filhos em casa,

minha avó viajava de automóvel a Nice para passar as férias de verão com os amigos. Ela nos mandava as primeiras violetas da estação e voltava totalmente revigorada, trazendo presentes exóticos e comestíveis. Também adorava música de todos os gêneros e estimulava o gosto musical nos filhos e netos. Minha tia Vlasta tinha uma voz de contralto maravilhosa e ambições de ser musicista profissional. Interpretou o papel de Hata na primeira apresentação em Paris da ópera cômica de Smetana *A noiva vendida*, mas, sendo filha de uma família muito conhecida, uma carreira no teatro era impossível. Por isso, acabou se casando com um homem rico chamado Arnošt Karas e terminou se sentindo amargurada e infeliz pelo resto de sua curta vida.

Eu chamava minha avó Paula de Babička, e apesar de não ser muito musical, ela adorava a arte e sempre me levava ao teatro. De início, às matinês de espetáculos infantis quando eu tinha seis anos de idade, logo a operetas e balés, e depois a óperas, inclusive à minha primeira ópera — *Carmen* —, que eu adorei tanto pela música quanto pela intensidade da emoção. Dagmar também foi, além da minha prima Eva Šenková. Nós adoramos tudo, do começo ao fim.

Minha avó era envolvida com diversas instituições de caridade, inclusive com a Sociedade de Senhoras e Senhoritas Tchechas e com um fundo de apoio a estudantes judeus pobres. Também organizou uma temporada de quartetos de cordas pela Associação de Música de Câmara e uma apresentação do Ciclo Sinfônico de Beethoven com o quarteto Kolisch. Todos os anos, havia um Festival da Primavera da Ópera, nos quais tínhamos sempre um camarote reservado para a família no teatro. Assistir àqueles músicos extraindo sons tão lindos de seus instrumentos me encantava, o que resultou na minha final e duradoura ambição de me tornar musicista.

Eu me sentia tão empolgada quando ia assistir a um novo concerto que quase ficava doente de tanta excitação. Quando me sentava no camarote, às vezes chegava a me esquecer de respirar.

Apesar de minha mãe vir de uma família judia religiosa, mas não ortodoxa, nós não éramos praticantes. O pai dela sempre conduziu o canto hebraico nas festividades da Páscoa judaica, mas ninguém comia exclusivamente alimentos kosher ou só falava iídiche. Pelo contrário: a família era bilíngue em tcheco e alemão e totalmente adaptada.

Meu pai nunca morou em Viena com os pais, por isso não falava alemão com fluência nem gostava de judeus tchecos falando alemão nas cafeterias, pois temia que isso pudesse contrariar outros tchecos. Também era um ateu declarado que nunca fechava a loja aos sábados, mas também nunca questionou a silenciosa fé da minha mãe.

Quando minha mãe ia à sinagoga no Yom Kippur, seria parte do costume meu pai levar as flores dela. Mas era nossa empregada Rézi, conhecida como Emily, que era tcheca e católica fervorosa, quem dizia a ele: “O senhor precisa levar flores para a sra. Růžičková”. E quando ele saía para a sinagoga com seu buquê, ela corria atrás dele. “Mas, sr. Růžičková, o senhor está sem chapéu!”, choramingava. Ele não conhecia bem os costumes judaicos, mas ia porque amava minha mãe.

Enquanto crescia, eu tinha pouca noção de que era judia ou diferente dos outros de alguma forma, ainda que fosse com minha mãe à sinagoga nos feriados prolongados. Com Dagmar era a mesma coisa. Nossos pais nos criaram com total liberdade, inclusive liberdade religiosa, sem tentar nos influenciar de forma nenhuma. Como adorava qualquer tipo de cerimônia, eu gostava de ir à sinagoga no Rosh Hashaná e no Yom Kippur, mas era o único lugar onde tinha algum contato com o judaísmo. Sempre adorei qualquer coisa que tivesse música, mas meu interesse não era baseado na fé e eu também me interessava igualmente pelos antigos gregos e romanos com todos os seus deuses míticos.

Cheguei inclusive a participar da procissão católica de Corpus Christi e receber uma bênção do bispo depois de levar uma taça de peônias ao altar. Ele me deu uma imagem abençoada, que tenho até hoje. O ritual de tomar a hóstia representando “o corpo de Cristo” foi para mim a maior alegria. Agora o mais curioso é que ninguém na época da república do presidente Masaryk disse: “Você não é daqui. Você é judia”. E era um fato bem conhecido na cidade que os Růžička eram judeus, mesmo que fosse um nome tradicionalmente cigano. Nem meus pais me diziam para não ir a essas cerimônias. Nós fazíamos parte de uma comunidade considerada um bastião da social-democracia, e eles me deixavam ir a qualquer lugar. Era tudo muito tolerante e democrático.

Dagmar e eu começamos a estudar no mesmo dia na escola local, a Cvičná škola, na rua Koperníková. Mesmo estudando nas mesmas salas de aula, nunca houve qualquer rivalidade entre nós. A escola era muito bem-conceituada, um lugar onde os professores eram capacitados, por isso nós aprendíamos de tudo, desde idiomas até artes, clássicos e matemática. Com a minha hipersensibilidade natural ao barulho — descoberta quando me escondia do rádio da família —, muitas vezes tive que me sentar no silêncio da sala dos professores porque minha cabeça latejava ao ouvir os sons de forma tão estridente.

Além de nossos estudos regulares, todos os alunos tinham aulas semanais de religião, o que significava que Dagmar e eu fomos ver um maravilhoso velho rabino na bela Grande Sinagoga de Pilsen, a segunda maior da Europa. Da mesma forma, os estudantes católicos e protestantes foram às suas igrejas para se encontrar com suas autoridades religiosas. Meus pais deixaram a meu critério se eu queria ou não frequentar essas aulas sobre judaísmo, mas gostei muito delas porque o rabino explicou tudo muito bem e ensinou as parábolas como se fossem contos de fadas. E o melhor de tudo: para a minha audição extremamente sensível, os estudos religiosos eram

muito mais silenciosos, com apenas cinco ou seis alunos, ao contrário das aulas regulares com vinte ou mais.

Até onde sabia, eu era uma criança tcheca que tinha uma educação judaica, só isso. Eu não me orgulhava de ser judia, e com certeza não me considerava uma “escolhida”. Nunca tive medo de que alguém pudesse me perseguir por isso. Nunca senti nenhum preconceito antissemita, nenhuma vez, e nunca vi isso acontecer com ninguém. Depois de nossos estudos religiosos, Dagmar e eu nos encontrávamos com as outras crianças para ir ao parque juntas ou para nadar no lago, e nenhuma de nós pensava em fé ou raça.

Todas as minhas lembranças de infância são felizes. Acho que, se você tem uma infância feliz como a minha, pode sobreviver a praticamente qualquer coisa mais tarde na vida. Nada pode arruinar tudo o que aconteceu.

Minha mãe costumava dizer que para fazer limonada é preciso colocar o açúcar antes do limão. Se fizer o contrário, o gosto será sempre azedo. Isso é uma verdadeira metáfora para a vida, porque a doçura permanece para sempre, se for saboreada antes da amargura.

Felizmente, meus pais eram muito apaixonados um pelo outro e eu fazia parte do amor entre eles. Algumas das minhas melhores e mais vivas lembranças são de nossas duas ou três semanas juntos nos verões em Dobris, no leste da Boêmia, onde a maioria da família de minha mãe morava e fazia parte de uma grande e influente comunidade judaica. Mamãe era a mais jovem de quatro filhos, apesar de ter um irmão mais novo, Josef, conhecido como Pepa, que se suicidou depois da Primeira Guerra. Ele tinha estudado Química em Praga com os amigos Maksymilian Faktorowicz (o esteticista polonês mais tarde conhecido como Max Factor) e o maestro Walter Susskind. Quando voltou da guerra, Pepa não conseguiu se adaptar nem lidar mais com a vida cotidiana depois do trauma das trincheiras. Quando um caso de amor terminou, ele não conseguiu se

recuperar e tirou a própria vida. Raramente se falava sobre o seu suicídio.

Meu avô Leopold era coproprietário de uma empresa chamada Schwartz & Lederer, que empregava mulheres de mineiros e metalúrgicos, que trabalhavam em casa fazendo luvas de couro importado para ele vender em sua loja. Em Dobris, ele era praticamente considerado parte da pequena nobreza, e minha avó, Zdenka Fleischmannov, era também muito respeitada. Consta que ela e seus muitos irmãos mais novos ficaram órfãos depois de uma epidemia, provavelmente de gripe espanhola, e que Zdenka cuidou deles como uma mãe. Só conseguiram ser salvos da indigência por seus tios, que formaram um famoso trio que cantava em sinagogas pelo mundo. Os três irmãos eram loiros de olhos azuis, ricos e populares, e mandavam dinheiro para os sobrinhos, uma bondade que minha avó nunca esqueceu. Mesmo depois de ter criado os próprios filhos, ela enviava um médico para crianças doentes na aldeia ou distribuía cestas de alimentos para os pobres, independentemente de quem fossem.

Com quatorze anos e já agindo como mãe, Zdenka era uma garota bonita que fazia compras na mercearia local. Meu avô era um jovem aprendiz e ficou fascinado por ela, não só por sua aparência, mas também pela maneira como cuidava de toda a família. Ao que consta, disse que esperaria por ela, o que ele fez: quando sua Zdenička completou dezoito anos, os dois se casaram.

Meus avós celebravam todos os feriados judaicos, e minha avó sempre preparava uma maravilhosa mesa para o Shabat enfeitada com velas prateadas e uma toalha de linho branco. Ela fazia uma deliciosa chalá^[3] e o cheiro de fermento quente, sopa de beterraba e frango assado me transporta de volta àqueles dias. O que eu mais gostava na casa deles, no entanto, era o escritório forrado de livros do meu avô. Era como uma caverna de Aladim onde ele ficava fumando o cachimbo, que me deixava acender como deferência especial.

Dobris era como uma segunda casa para mim porque eu tinha muitos parentes lá. Uma tia, Růzena, tinha uma grande casa na cidade e era conhecida por sediar saraus animados para intelectuais locais. Outra tia, Hermine, e o marido Emil, moravam no lugar com os dois filhos, Hanuš e Jiří. Hanuš era quatro anos mais velho que eu e foi o meu primeiro amor, apesar de preferir brincar com seus soldados de estanho a ficar comigo. Fiquei tremendamente desapontada quando minha mãe explicou que eu não poderia me casar com um primo de primeiro grau.

A cidade de Dobris ostentava um castelo rococó de propriedade de um conde austríaco que era membro da dinastia Colloredo-Mansfeld. Graças a uma ligação familiar com o gerente da propriedade, nosso pequeno grupo de primos e amigos teve acesso à chave do portão dos fundos do castelo e permissão para entrar. Eu era a única menina — o resto eram todos garotos — e nos divertíamos muito brincando naquele reino mágico. A condessa era uma ex-modelo de Paris que mandou construir um jardim que parecia uma miniatura de Versalhes, com passeios gramados e canteiros de rosas. Também tinha uma bela horta e tentava incentivar os moradores locais a comer mais legumes frescos. Nós, crianças, só podíamos ir ao parque inglês, com seus bosques e campos de flores silvestres, mas caminhar pelos prados e colher frutas das árvores era uma espécie de sonho de infância para uma garota que cresceu na cidade.

Eu me sentia muito sortuda e ficava perfeitamente feliz ali.

Os verões que passava ao ar livre eram mágicos para mim, mas também cada vez mais necessários porque, a partir dos seis anos, comecei a ter sérios problemas no pulmão e me tornei praticamente uma inválida. Essa foi a pior fase da minha juventude. A partir de então e até os doze anos, eu estava com bronquite ou gripada a maior

parte do tempo. Tive que extrair minhas amígdalas, mas isso só me fez piorar, eu me sentia muito fraca.

Como ainda trabalhavam em tempo integral, meus pais contrataram uma babá chamada Karla, uma garota da aldeia que era perfeita para mim, já que era muito musical. Nós cantávamos músicas folclóricas e árias juntas, o que permitia que eu estudasse música ainda mais. Mas Karla contraiu tuberculose e foi mandada para um sanatório para se recuperar. Comecei a tossir, e Dagmar também. Eu era uma criança magra e fora de moda, numa época em que garotas mais roliças estavam em voga. As pessoas costumavam comentar sobre isso e se perguntavam em voz alta se eu tinha tuberculose, que era uma doença assustadora, pois às vezes era mortal.

Minha mãe — a mulher que sempre quis ser médica — também temia o pior e imediatamente me levou para Praga. Toda a família disse que ela era louca e que nós, meninas, tossíamos de propósito. Comentavam que Dagmar era saudável, gorducha e cor-de-rosa e não poderia estar doente. Em Praga, fui radiografada por precaução e os médicos confirmaram que eu também estava com tuberculose. Dagmar nunca foi examinada.

Depois de um episódio particularmente desagradável em 1935, minha mãe foi aconselhada a me levar para um sanatório em Breitenstein, nos alpes austríacos, perto do passo de Semmering para ficar lá por seis meses. Extremamente magra, fiquei enrolada em cobertores e tinha que ficar em repouso na cama entre tratamentos com vapor que avermelhavam meu rosto e enrugavam minha pele. Nas refeições, meus pratos vinham cheios de verduras folhosas, que eu odiava, mas o tempo que passei lá salvou minha vida.

Meu pai ia para as montanhas todo fim de semana e ficava durante três semanas no verão. Tudo isso aconteceu pouco depois de o chanceler austríaco, Engelbert Dollfuss, ser assassinado por ter proibido o Partido Nazista na Áustria, e havia um bocado de discussão a respeito disso. Lembro-me de estar com Tata no jardim

do sanatório um dia enquanto ele cantava algumas de suas canções patrióticas tchecas favoritas.

Depois de algum um tempo, um homem se aproximou e disse para ele parar:

— Você não deveria cantar isso aqui — alertou. — O chanceler Hitler não gostaria disso.

Foi a primeira vez que eu ouvi aquele nome.

Eu ainda estava muito magra quando afinal voltamos para casa em Pilsen, e todos queriam que eu engordasse. Um dos meus pratos favoritos era *svíčková* com *knedlíky* — carne com bolinhos —, mas até isso perdeu seu apelo depois de um tempo e eu muitas vezes empurrava o prato para longe.

Era raro meu pai me castigar por alguma coisa, mais um dia eu me recusei a comer um prato de macarrão com manteiga numa época em que minha mãe estava especialmente preocupada por eu estar muito magra. Tata me fez ficar no canto durante o almoço, mas eu não me incomodei. Preferia ficar no canto a comer o macarrão, mas a lembrança da minha teimosa recusa naquele dia zombaria cruelmente de mim anos depois.

Devido à minha saúde precária, não frequentei a escola durante grande parte da minha infância, mas tive governantas e professores particulares que aperfeiçoaram meu conhecimento de idiomas e outras habilidades. Era uma garotinha diligente e concluía todos os meus estudos, mas eu também era muito solitária, pois meus professores não eram uma boa companhia e quase nunca me deixavam brincar com outras crianças por medo de que eu as infectasse. A única outra criança que eu encontrava era Dagmar, que era uma menina normal e saudável até começar a tossir, mas sua mãe, Kamila, descartou a preocupação, como se não fosse nada, e se recusou a tratá-la.

Como ficava sozinha por horas a fio, eu ansiava por um piano e queria ter aulas de música, mas sempre me diziam que eu não deveria me esforçar. Por isso, passava boa parte do tempo lendo no meu quarto, depois da minha querida enfermeira Anča ter acendido a lareira para me manter aquecida. Eu tinha minha própria biblioteca, encomendada na livraria local e catalogada pessoalmente para mim pelo proprietário. Havia uma parede de livros em frente à minha cama, cada um deles numerado e codificado por cores. Azul era para história, amarelo para os contos de fadas, verde para os clássicos e assim por diante. Eu tinha um pequeno catálogo com capa de couro em que relacionava todos, para poder ficar na cama e pedir à minha governanta para me trazer o livro 34B ou 72A.

Aos nove anos, peguei uma pneumonia e fiquei gravemente doente. Lembro-me de meus pais em pé ao redor da cama, do médico da família preocupado com a minha febre e de Anča enxugando minha testa. Era março de 1936. Minha mãe não parava de retorcer as mãos e estava à beira das lágrimas.

— Zuzi, se você só melhorar vai poder ter o que quiser — dizia.
— Tudo mesmo!

Meus olhos se abriram.

— Aulas de piano — disse a ela com voz rouca, mas já com uma nova determinação para melhorar.

Assim que me recuperei, mamãe manteve sua promessa, mas primeiro ela teve de encontrar um professor adequado. Sendo dona de uma loja, ela conhecia quase todo mundo na cidade. Pediu o conselho de uma de suas clientes, uma mulher sem filhos que costumava comprar brinquedos para os sobrinhos e sobrinhas. Madame Marie Provazníková-Šašková era uma pianista e organista de 53 anos formada no Conservatório de Praga e membro de um trio de câmara que se apresentava localmente e acompanhava solistas visitantes. Era de uma família de músicos do leste da Boêmia, onde o

pai, Alois Provazník, tinha sido cantor e maestro do coral, a irmã Luisa era uma cantora famosa e o irmão Anatol era compositor.

“Madame”, como todos a chamávamos, nunca teve muito sucesso como solista por causa de suas características masculinas. Por isso ensinava piano a alguns alunos, mas nenhum deles iniciante. Minha mãe só queria que ela recomendasse um professor para mim.

— Vou ter que fazer um teste com ela primeiro — disse antes de ir ao apartamento para me ouvir cantar.

Escolhi uma música tcheca complicada, mas me arrependi um pouco quando me vi diante daquela mulher imponente em um vestido de seda azul. E devo ter me saído bem.

— Eu vou ficar com ela — Madame se virou para minha mãe e disse.

— Como assim? — perguntou minha mãe.

— Eu mesma vou ensinar essa menina.

A decisão dela de me tornar sua aluna acabou sendo um dos primeiros milagres da minha vida.

No começo, eu ia ao apartamento de Madame para estudar e tocar no piano dela. Pouco tempo depois, ela comunicou que eu precisava ter o meu próprio instrumento e me recomendou uma loja. O vendedor era um homem imenso, que ouviu atentamente minha mãe dizer:

— Minha filha parece ser talentosa, então nós gostaríamos de comprar um bom piano para ela.

Sua expressão se transformou em uma careta e ele balançou a cabeça.

— Não deixe sua filha se tornar uma pianista! — gritou. — Meu filho é pianista e não ganha dinheiro nenhum! — Andou na minha direção, fazendo com que eu desse alguns passos para trás, e continuou: — Eu cortaria as mãos dela antes de deixar que se tornasse uma musicista profissional!

Aterrorizada, escondi depressa minhas mãos atrás das costas.

Mamãe pareceu imperturbável, e insistiu que ele nos mostrasse

*image
not
available*

Ao perceber o quanto eu adorava estudar música, em 1936 meus pais me levaram a um concerto na Casa de Cultura Peklo de Pilsen, para uma apresentação do famoso violinista tcheco Jan Kubelík e seu maestro, seu filho Rafael. O filho estava ao piano e o pai tocou bem, mas dava para ver que ele estava desgastado. Morreu alguns anos depois. Eu nunca me esqueci da apresentação, tampouco da forma como tive que me vestir para a ocasião em uma das raras noites em que saí com meus pais naquele ano.

Minha primeira apresentação em público foi no Natal, que meus pais e eu comemoramos com uma árvore enorme que decoramos juntos, não muito depois de eu e mamãe termos festejado a Chanucá naquele ano. Era 1936 e eu só estava tendo aulas de piano havia sete meses, mas já sabia ler música. De alguma forma eu sabia. Naquele dia, no nosso apartamento, eu toquei uma canção infantil que Madame me ensinara, chamada “Feliz Natal”, que apresentei de forma impecável para os meus pais. Eles pareceram impressionados.

O presente de Natal de Madame para mim foram os *48 prelúdios e fugas*, de Bach, cada um escrito em um tom diferente, lindamente encadernados. Ela me entregou o presente com grande reverência.

— Um dia, em breve, Zuzana, você vai tocar isso. Pode até ser capaz de tocar algo tão desafiador quanto as *Variações Goldberg*, de Bach — disse. — Sorriu e acrescentou: — Isso seria uma realização de tudo o que sempre sonhei para mim mesma.

Desde o início ela fez com que eu me sentisse tão especial, e me inspirou tanto, que decidi que adoraria dominar as *Variações* para ela um dia.

Assim que percebeu o quanto eu era apaixonada por Bach, ela sugeriu que eu considerasse mudar do piano para o órgão, de modo a me tornar uma intérprete melhor de música antiga. “Bach não escreveu para piano”, disse aos meus pais.

Eles consultaram meu médico sobre a sugestão, mas ele imediatamente objetou: “Impossível!”, afirmou. “Só há órgãos em

*image
not
available*

Por causa dos meus pulmões, eu e minha mãe continuamos viajando muito para as montanhas e meu pai ia conosco sempre que podia. Íamos regularmente a Karlsbad, na Floresta Negra, e a Mariánské Lázně, na região de Krkonoš, mas no verão de 1937 ficamos em uma pousada tcheca chamada Špindlerův Mlýn, um lugar para onde voltamos algumas vezes nos anos seguintes. Jindřich Matiegka, o reitor da Universidade Charles, em Praga, também ia lá e se dava bem com meu pai. Sempre que saía para fazer uma caminhada, ficava esperando para ver se o sr. Růžička também ia.

Para onde fôssemos, sempre levávamos muita bagagem, além da minha querida babá Anča, e às vezes Emily, a cozinheira, embora, de vez em quando, mamãe cozinhasse. Eu odiava viajar se isso significasse perder minhas aulas de piano, mas para minha alegria descobri um piano na sala de jantar no nosso hotel em Špindlerův Mlýn e imediatamente me sentei para tocar um pouco de Bach.

Enquanto eu me absorvia na música, como sempre, um senhor grisalho entrou na sala para ouvir. Eu não o conhecia, e isso não me importava. Depois ele foi falar com meus pais e se apresentou como Karl Straube, o cantor de Leipzig, uma posição que Johann Sebastian Bach já havia assumido.

— Eu fiquei estupefato! — falou. — Quando ouvi a música, pensei que deveria ser um colega tocando. Não conseguia acreditar quando encontrei uma criança ao piano. Vocês devem fazer tudo o que puderem para promover a educação musical dessa menina.

A última coisa que meus pais queriam era uma menina-prodígio, mas garantiram que eu estava sendo bem assessorada e o dispensaram. Para minha surpresa, minha mãe ficou aborrecida comigo.

— Você não deve se exhibir, Zuzana! — repreendeu-me.

As palavras dela doeram. Em outro balneário, naquele ano, eu cantei para uma senhora que me pediu, mas logo corri para minha

*image
not
available*

(algumas das quais podem ser ouvidas na gravação), ela manteve a calma e continuou tocando até o fim. Sua casa e todas as suas posses, inclusive seu precioso instrumento, foram roubadas, e ela fugiu só com as roupas do corpo e chegou a Nova York no dia em que Pearl Harbor foi bombardeada. Ficou morando nos Estados Unidos até sua morte, aos oitenta anos, em 1959.

Como a Tchecoslováquia foi libertada pelos soviéticos e pelos americanos em 1945 e depois os comunistas assumiram o poder, acabei vivendo dentro do que ficou conhecido como a Cortina de Ferro. Isso significava que eu não tinha permissão para viajar para um país tão capitalista como os Estados Unidos por um longo tempo e nunca tive oportunidade de conhecer a grande cravista. Não tinha sequer permissão para escrever para ela, porque éramos proibidos de ter qualquer contato com o Ocidente.

Eu conhecia as gravações de Wanda Landowska, pelo menos aquelas que minha querida professora costumava tocar. Mais tarde, consegui conversar longamente com um de seus últimos alunos, um cravista colombiano chamado Rafael Puyana. Era um homem muito meigo e me disse: “Se Wanda tivesse conhecido você, ela a teria carregado nos braços e simplesmente a adorado”. Fiquei muito comovida com aquelas palavras.

Também nunca esqueci como Madame fez uma campanha sem sucesso para eu aprender a tocar órgão de tubos — o primeiro instrumento de teclado do mundo —, uma fera enorme projetada basicamente para igrejas. Depois do órgão, veio o clavicórdio, concebido para recitais musicais íntimos em casa. Projetado posteriormente, o cravo era mais versátil, perfeito para apresentações públicas na corte, mas o piano — ou pianoforte — que eu tocava só foi inventado em 1700, na Itália, por um homem chamado Bartolomeo Cristofori.

Quando um protótipo alemão do novo piano foi mostrado a Bach pela primeira vez em 1736, ele disse que era muito pesado para tocar e não aprovou as notas mais agudas, que alegou serem muito suaves

judeus se sentiam assim na época, pois o comunismo prometia que todos os homens seriam iguais e todas as crenças, reconhecidas. Isso resolveria tudo, eles prometeram.

Em vez disso, o que tivemos foi o stalinismo, e foi bem diferente.

Minha mãe demonstrou uma coragem incrível diante dessa nova revolução política. Estava ocupada trabalhando na menor das nossas duas lojas em Pilsen e aos poucos reconstruindo sua vida. A administração da loja lhe dera uma nova razão de viver, ela adorava estar de novo entre as pessoas e ganhar algum dinheiro. Tentando dissipar meus medos, dizia: “Talvez a sociedade mude para melhor e a vida dos trabalhadores melhore”. Falava com muita gente sobre a situação e realmente tentava entender tudo aquilo. Depois de ter vivido a ocupação nazista, estava determinada a se manter mais bem informada dessa vez.

Secretamente, porém, ela temia tanto quanto eu pelas consequências, preocupada em perder sua loja mais uma vez. E tinha razões para se preocupar. Não houve aviso. Tudo aconteceu de repente. Uma ex-funcionária de meus pais, uma boa balconista que pensávamos ser nossa amiga, entrou na loja com o marido.

— Você é uma capitalista e não pode mais ser dona desse lugar. A loja pertence ao Partido e o Partido deu a loja para mim. Nós estamos assumindo o controle — disse na cara da minha mãe.

Eles apelaram para os comunistas e foram designados como “zeladores nacionais”, bons membros do Partido que foram recompensados com as casas, empresas e posses dos que tinham caído em desgraça com o Estado. O anúncio foi chocante e assustador, e mamãe ficou muito abalada com isso. Mais uma vez, ela voltava a ser uma cidadã de segunda classe.

A mulher era particularmente arrogante e, tempos depois, veio discutir negócios com minha mãe em seu carro novinho em folha, um sedã Tatra, regozijando-se de sua nova riqueza. De início minha mãe ficou chateada e com raiva, mas acabou aceitando, dizendo: “Quando eu comparo isso com o que aconteceu antes, não é o pior”.

de reger novamente até 1954, quando se apresentou em seu último concerto público. Mas ele manteve contato comigo, e foi um admirador da minha música até o dia da sua morte, tendo ido a quase todos os meus concertos. Depois que ele morreu, em 1961, a filha dele tomou seu lugar.

Eu me sinto muito sortuda por ter trabalhado com ele, mesmo que apenas por aquela tarde dourada.

Em um dia decisivo, em 1951, eu caminhava por um corredor na famosa sala de concertos Rudolfinum, às margens do rio Vltava, quando ouvi a voz de uma contralto acompanhada por um piano vindo do Pequeno Salão.

A beleza da música me fez parar de imediato e esperei para ouvir até o fim. Quando a música terminou e surgiram alguns colegas, eu perguntei: “Quem era a cantora? Quem compôs essa música?”. Eles me disseram que a música se chamava “Casamentos de passarinhos”, de Viktor Kalabis, um aluno de composição que eu conhecia, mas me apaixonei pela sua música muito antes de me apaixonar por ele.

Viktor era um rapaz de 27 anos muito sério, do leste da Boêmia, que estudava composição e regência. Três anos mais velho que eu, tinha sido aluno do compositor Emil Hlobil, no Conservatório de Praga, e fazia musicologia na Faculdade de Filosofia da Universidade Charles — até Hitler interromper seus estudos. Um gentio de óculos para baixa visão, Viktor foi obrigado pelos nazistas a trabalhar em fábricas durante a guerra. Eu sabia quem ele era, pois às vezes almoçava com um grupo nosso. Éramos tão pobres que escolhíamos os pratos mais baratos no cardápio e os dividíamos entre todos.

Viktor poderia ter se sentado à nossa mesa e compartilhado nossa comida, mas ele não participava. Nunca foi de rir ou brincar como o resto de nós. Na verdade, sempre parecia bastante preocupado. Uma vez perguntei por que ele era tão sério e Viktor fez sua primeira piada: “Claro que eu sou sério. Sou casado e tenho dois filhos!”. E

diferentes estados de espírito. Quando eu nascer de novo como cravista, vou gravar todos os Scarlatti.

Depois de me formar e começar a ficar conhecida, me ofereceram a oportunidade de ensinar piano compulsoriamente a um grupo de compositores no departamento de composição da academia, o que fiz durante quinze anos. Faltavam professores de piano, e diversos alunos, inclusive Viktor Kalabis, precisavam concluir sua formação, interrompida pela guerra.

Eu era anos mais jovem, e muitos centímetros mais baixa do que a maioria dos compositores a quem eu tinha de ensinar, muitos dos quais já eram famosos ou estavam se tornando conhecidos. O pagamento era mínimo, mas eu precisava de cada coroa tcheca que pudesse ganhar e era muito mais gratificante trabalhar com músicos do que dar aulas de piano para crianças em casa.

Viktor chegou para minha aula com seu melhor amigo, o compositor František Kovaříček e outros três. Como já o ouvira tocar, fui logo dizendo que tinha certeza de que não tinha nada a lhe ensinar. Sugeri que pulasse minhas aulas e fizesse direto o exame, pois ele certamente passaria.

— Eu não quero fazer isso. Prefiro ter aulas com você — ele disse sorrindo.

Ficou claro para mim desde o início que havia um líder naquele grupo, e que era Viktor. Os outros eram todos muito mais altos do que ele, cheios de talento e entusiasmo, mas ainda olhavam para Viktor em busca de conselhos e orientações. Politicamente, estavam absolutamente do lado errado e não a favor dos comunistas, e Viktor era o epítome dessa filosofia.

Em pouco tempo, eu e Viktor estávamos sentados lado a lado em um piano tocando a quatro mãos, como eu fazia com a querida Madame. Nós tocamos *A sagração da primavera* de Stravinsky e alguns Bartók. Desde o início, fiquei impressionada com sua

— Você às vezes fala sério, ou sempre brinca com tudo? — perguntou. — Depois disse que meus “falsos sorrisos” não o impressionavam. — Não acredito neles porque não são verdadeiros. Acho que você tem um problema que tenta esconder. Gostaria de falar comigo sobre isso?

Ele não sabia que eu era judia, pois conhecia várias outras pessoas com o nome Růžička que eram de sangue cigano ou ariano puro. Nem sabia de toda a minha história. Poucos sabiam. Não que eu escondesse o meu passado, mas ninguém nunca perguntava, e apenas algumas pessoas ficaram sabendo que eu estive nos campos depois que Sádlo contou. Mesmo assim, a maioria sabia pouco do que realmente tinha acontecido. Ninguém dizia nada durante a guerra, e depois os comunistas nunca quiseram discutir o assunto. Essa diretriz veio diretamente de Moscou. Se alguém falava de Terezín, eles só diziam que os tchecos ficaram presos lá. Não havia menção aos judeus.

Mesmo sabendo tão pouco, de alguma forma Viktor sentiu que minha risada forçada era uma máscara, uma tentativa de parecer normal. Seu questionamento franco abriu as comportas e eu comecei a chorar. Ninguém nunca tinha me sondado daquele jeito. Mais tarde naquela noite, enquanto ele me acompanhava pelos cinco quilômetros até o lugar onde eu morava, contei tudo e nós estabelecemos uma conexão real. Ele foi um excelente ouvinte e um bom psiquiatra amador. Quando se despediu, ele me beijou. A partir de então, nos tornamos inseparáveis e foi Viktor, acima de tudo, quem salvou minha vida.

Ele foi o meu milagre mais recente.

Viktor se formou naquele ano, mas teve o doutorado negado porque sua tese sobre Bartók e Stravinsky foi considerada “formalista e decadente”. Claramente não estava alinhada com o pensamento comunista. No fim de semana de seu concerto de formatura, no qual Miloš Sádlo iria apresentar seu concerto de violoncelo, fiquei em

teve de se esconder nos abrigos, onde tamborilou nos joelhos o ritmo de seu trabalho seguinte.

Assim como aconteceu comigo, a música ficou em primeiro lugar.

Viktor e eu estávamos muito apaixonados, mas quase não nos casamos quando novos e assustadores acontecimentos políticos em nosso país começaram a ameaçar nossa felicidade. Não que eu não gostasse demais dele. Eu queria, e estava pronta para me casar com ele, desde que František me contou sobre suas intenções. Mas as coisas mudaram na Tchecoslováquia, e 1952 foi um ano de grande tumulto. Muitas pessoas foram presas como traidores por supostamente estarem em contato com as potências ocidentais, algumas delas oficiais e políticos de alto escalão, mas a maioria era de judeus. Havia uma sensação cada vez maior de opressão e eu me sentia cada vez mais preocupada com as consequências de Viktor se casar comigo.

O problema foi um enorme aumento do antissemitismo no nosso país depois da guerra, em parte causado pelo grande número de intelectuais judeus entre os comunistas. Depois do golpe, quando o Partido assumiu o controle sob o comando do secretário-geral Rudolf Slánský, um judeu, só aumentaram as agressões antissemitas por todo o país.

A liderança comunista estava dividida sobre o quanto deveria imitar as políticas soviéticas linha-dura e saía em busca de elementos “desleais”, ao mesmo tempo em que iniciava um expurgo dos judeus nos escalões mais altos. Em 1950, a política tcheca Milada Horáková foi a primeira “traidora” a ser julgada, acusada com outros doze de liderar um suposto complô para derrubar o regime comunista. Gênia, Milada era uma patriota e feminista convicta que participou da resistência tcheca durante a guerra, foi presa pela Gestapo e mandada para Terezín e outras prisões na Alemanha. Após sua

Eu e Viktor nos casamos sem alarde numa terça-feira, 8 de dezembro de 1952. Estávamos nos vendo havia mais de um ano e já tínhamos enfrentado tantos obstáculos que as dificuldades de última hora em torno de nosso grande dia foram apenas novos obstáculos a serem superados.

O dia do casamento amanheceu gelado e monótono, mas não nos importamos. Eu me embrulhei em algo bem quente, usava um casaco marrom em cima de um vestido normal e chapéu. As únicas flores disponíveis à venda na época eram cravos vermelhos para os comunistas, e foi o que Viktor comprou para o meu buquê.

Achando graça, fomos correndo para a antiga prefeitura, à sombra do Orloj, o relógio astronômico, onde passamos por todas as formalidades, testemunhadas por minha mãe, pelos pais de Viktor e por dois amigos dele. Mamãe gostava do futuro genro, mas não ficou muito feliz com a velocidade com que nos envolvemos, o que na época ela achou impróprio.

Demorou tanto tempo para Viktor me convencer a ir em frente e me casar que disse seus votos bem depressa, para o caso de eu mudar de ideia. Depois que nossa certidão de casamento foi assinada e carimbada na prefeitura, todos nós fomos almoçar num restaurante local, onde Viktor me informou que seu presente de casamento era o concerto para piano em que estava trabalhando, o seu primeiro, a ser conhecido como “Concerto para piano nº 1, opus 12”. Era uma peça bonita e alegre, inspirada no moteto “Exsultate, jubilate”, de Mozart, que disse resumir como ele se sentia em relação a mim.

Depois, minha mãe nos deu seu presente de casamento — uma noite com direito a café da manhã numa suíte no lindo Palace Hotel bem no centro de Praga, perto da praça Wenceslas.

Era um luxo em que mal conseguíamos acreditar. Éramos realmente muito pobres e ficamos emocionados em passar a noite de núpcias em um hotel tão grandioso. Não víamos a hora de deitar em uma cama de casal adequada e fazer um belo desjejum.

Infelizmente, houve mais uma má notícia de última hora. Na

4. PRAGA, 1938

— ZUZANA, ESPERE! — minha prima Dagmar gritou quando atravessei impetuosamente os portões da escola e saí pela rua chorando. Com a mochila voando, eu a ignorei e corri direto para a cabeleireira onde sabia que minha mãe estava. Era primavera de 1938 e achei que meu mundo estava prestes a acabar.

— Mamãe, mamãe! — Chorei quando me joguei no colo dela no salão de beleza. Enterrei o rosto na saia dela e chorei.

— O que foi, querida? — perguntou, horrorizada, tirando meus óculos e levantando meu rosto. — O que aconteceu?

— Vai ter uma guerra! — gritei. — Tata vai ser mandado para luta! Pode morrer e nunca mais voltar para casa!

Minha mãe olhou para sua cabeleireira e fez um sinal para que saísse. Segurou-me em seus braços, afagou minha cabeça e tentou me acalmar.

— Quem falou sobre esse assunto? — perguntou.

Soluçando, contei que meus professores na escola haviam simulado um ataque aéreo naquela tarde e deram a cada um de nós máscaras de gás antes de nos ensinarem como usá-las.

— Eles disseram que se a gente não as pusesse a tempo, podíamos morrer sufocados!

Para mim, aquelas horríveis máscaras de borracha eram uma prova tangível de algo impensável e fiquei profundamente chocada.

Ou talvez simplesmente estivessem com medo. Muitos foram bons comigo, mas eu me lembro mais dos que foram ruins. Um deles era Hans Ledeċ, um garoto alemão que morava no andar de baixo, com quem costumávamos conversar e brincar, apesar de ser um pouco mais velho. Quando os nazistas chegaram, ele entrou para a Hitlerjugend (Juventude Hitlerista) e de imediato ficou diferente com a gente — frio e hostil. Começou a me atormentar e a ser desagradável, dizendo que eu não deveria estar ali e que Pilsen não era o meu lugar.

— Se o meu lugar não é neste país, qual é o meu lugar? — perguntei ao meu pai, confusa e chateada. — Por que você nunca me disse que eu era de uma raça diferente? O que vai acontecer conosco?

Fui à biblioteca e comecei a ler todos os livros que encontrei sobre a raça, a fé e a história dos judeus. Queria saber qual era a fonte do antissemitismo, se era religiosa, social ou racial. Até aquele momento eu nem sabia da sua existência. Fiquei tão chocada com o que li — os séculos de perseguição e pogroms que os judeus haviam enfrentado — que, aos doze anos, eu me tornei uma sionista fervorosa. Pareceu-me que a única maneira de sair do círculo do Diabo era criar o seu próprio círculo. Minha conclusão natural era que eu pertencia a algum outro lugar — talvez à Palestina ou a um dos outros países que estavam sendo considerados para ser um Estado judeu independente —, e todos nós deveríamos nos mudar para lá.

Mamãe estava preocupada que meu novo raciocínio pudesse devastar o fervoroso patriotismo de meu pai. Temia que ter uma filha sionista pudesse expô-lo ao ridículo, pois ele sempre se gabava de ser assimilado aos seus amigos do Sokol. Implorou para que eu não lesse nenhum livro sionista na frente dele. Então, eu passei a lê-los quando estava sozinha no banheiro, mas ele acabou descobrindo e, quando isso aconteceu, teve uma reação surpreendente:

encontrei meu pai exatamente onde ele havia falado. Teve que continuar escondido por uma semana, pois a Gestapo foi procurá-lo todos os dias. Seu irmão, Karel, também teve que se esconder, porque as autoridades queriam prendê-lo por ter desertado do exército austríaco na Primeira Guerra Mundial.

Quando a Gestapo percebeu que seria pouco provável encontrar meu pai em casa e decidiu que ele acabaria sendo preso por ser judeu, eles começaram a ir ao apartamento só para roubar. iam mais ou menos uma vez por semana, em geral dois homens uniformizados com um tcheco dos Sudetos chamado Haas, que os ajudava a procurar comida, chocolate e joias. Muita gente dos Sudetos ficou do lado dos alemães contra os judeus, o que teve consequências mais tarde.

Era apavorante ouvi-los esmurrando a porta e exigindo entrar. Chegavam gritando e chutando as coisas, abrindo gavetas e armários, nos ameaçando o tempo todo enquanto vasculhavam todos os cômodos. Eu nunca tinha ouvido gritos dessa espécie e tinha que tapar os ouvidos. Ficavam por cerca de uma hora, pegando o que quisessem e dizendo:

— Nós logo vamos nos livrar de todos vocês judeus. Nenhum de vocês vai sobreviver, nem vão precisar dessas coisas no lugar para onde vão.

As ameaças eram terríveis e nunca sabíamos o que iria acontecer com a gente quando eles apareciam. Eu estava com muito medo.

Minha mãe foi muito corajosa, e muitas vezes os enfrentou. Durante uma das buscas, eles acharam um grande salame que ela havia escondido na chaminé.

— *Das ist nicht für sie, das ist für deutsche Kinder* (Isso não é para você, isso é para crianças alemãs) — disse o oficial da Gestapo.

— *Aber wir haben auch ein Kind und das will auch essen* (Mas nós temos uma filha e ela também quer comer) — respondeu minha mãe, em um alemão perfeito.

Por alguma razão, eles deixaram o salame lá. Ela mostrou uma

Estados Unidos. Seu filho Otto mantinha contato frequente com meus pais e sempre pedia que eles também fugissem. A família Ginsburg, em Chicago, chegou a mandar uma declaração juramentada se responsabilizando por nós que nos dava direito de solicitar um visto na embaixada americana. Meu pai tinha esse documento no bolso, mas ainda assim se recusou, dizendo:

— Eu emigraria em qualquer outro momento, agora não posso sair daqui enquanto meu país estiver em perigo.

Nunca o questionei e aceitei a decisão dele como minha. Eu sempre fui muito patriota, e apesar de sonhar em começar uma vida nova na Palestina, ainda acreditava no futuro da Tchecoslováquia. Minha mãe não pensava da mesma forma, e quando as fronteiras foram fechadas, no outono de 1941, tornando impossível a fuga de uma família inteira, eu tive medo que ela dificultasse ainda mais a vida para o meu pai. Ele já andava muito deprimido, e ela ainda o repreendia diariamente por não termos saído do país em segurança enquanto podíamos.

A pressão psicológica pelo que ele havia decidido por todos nós pesava em seus ombros. Finalmente, eles decidiram pelo menos me salvar. Depois de muitas conversas secretas, eles levantaram a possibilidade de eu partir em um dos Kindertransports de crianças judias para a Inglaterra.

Fiquei horrorizada e me opus imediatamente e com toda convicção:

— Eu morreria se tivesse que deixar vocês! — falei. — Não vou de jeito nenhum.

Como sempre, eles me trataram como adulta e acataram minha decisão com algum alívio, penso eu, já que nenhum de nós queria se separar.

Antes de os nazistas chegarem, Dagmar e eu deveríamos ir a uma escola judaica de ensino médio em Brno, mas como as leis de Nuremberg proibiam que crianças judias estudassem, nós acabamos não indo. Essas mesmas leis impediam os gentios de ensinar aos